

Os crimes da 'modialis'

O GLOBO

LUIZ FERNANDO DOS SANTOS 1 9 SET 1996

Quatro pessoas morreram durante uma sessão de hemodiálise na clínica particular Santa Marcelina, em São Paulo, no dia 23 de janeiro. Outra morreu dois dias depois.

A máquina que deveria purificar o sangue de doentes com deficiência renal provocou a intoxicação e a morte. Havia excesso de metais pesados na água do banho de diálise, impedindo que o sangue conduzisse oxigênio às células do corpo.

O que aconteceu foi que o aparelho desmineralizador da água inverteu o processo e o filtro não funcionou.

Outras quatro morreram, no mesmo lugar e nas mesmas circunstâncias, no dia 4 de março, mas não houve muito escândalo porque a hemodiálise é um procedimento de risco e há uma taxa de 10% de mortalidade geralmente aceita.

Pouca gente percebeu que, em São Paulo, há, em média, 22 mortes por semana e que a taxa sobe para 20%.

A verdade é que oito em cada dez das 492 clínicas de hemodiálise cadastradas não oferecem condições satisfatórias e o tratamento traz risco de vida porque os aparelhos são velhos, a água é mal filtrada, o banho de diálise é irregular e de baixa qualidade, falta manutenção das condições clínicas do paciente. A maioria dessas clínicas utiliza equipamentos que os países desenvolvidos abandonaram no final da década de 70.

Cerca de 80% das oito mil máquinas de diálise em uso no Brasil têm mais de 20 anos, embora a vida útil de um dializador seja de dez anos, depois do que os alarmes e detetores que protegem o paciente começam a falhar, segundo a Sociedade Brasileira de Nefrologia.

Atualmente, as máquinas de proporção são eletrônicas, para uso individual, e nelas a pressão ar-

terial, o ritmo cardíaco e a quantidade da perda de resíduos são controlados permanentemente por computador, reduzindo ao mínimo o risco de acidentes. O computador também controla o teor de sódio e a composição do banho.

A Vigilância Sanitária sabe que há laboratórios que funcionam sem registro e sem fiscalização, fornecendo medicamentos para essas clínicas, inclusive a solução de sais e glicose, o famoso banho de diálise. Mas não consegue impedir que as clínicas comprem mais barato nesses laboratórios sem responsabilidade.

A fiscalização do Ministério da Saúde não condena os aparelhos ultrapassados, sucateados e que operam com um nível de segurança muito baixo porque reconhece que não há dinheiro para financiar a compra de novos.

Em outubro de 95 a Vigilância Sanitária interditou a Santa Casa de Mogi das Cruzes, porque lá morreram 78% dos pacientes da hemodiálise. Na investigação descobriu-se que o serviço era terceirizado e nem era acompanhado por um médico.

Há cerca de 25 mil brasileiros fazendo diálise. E há entre 60 e 70 mil renais crônicos, com rins que não funcionam e que precisam da hemodiálise para sobreviver. A taxa de mortalidade entre eles é muito alta, e eles só encontram vaga quando morre um dos pacientes da máquina.

Praticamente todos os serviços de diálise são bancados pelo Sistema Único de Saúde. Os donos dizem que o que recebem por sessão, R\$ 80, não é suficiente para cobrir o custo do material e os gastos. Mesmo assim, o número de pedidos de credenciamento de clínicas de hemodiálise não pára de crescer, indicando que ou é um bom negócio ou os do-

nos estão dispostos a cortar custos aumentando o risco para os pacientes.

Falta dinheiro para investir em equipamento de substituição e ainda seria preciso triplicar o número de máquinas, para garantir o direito constitucional de atendimento para todos.

Há uma política que privilegia a diálise. Se privilegiasse o transplante de rins, evitaria milhares de mortes a cada ano e faria melhorar muito a qualidade de vida dos pacientes (que não precisariam mais da hemodiálise e de perder horas nas máquinas, duas ou três vezes por semana). Mais ainda: reduziria os gastos públicos com a saúde, porque um

paciente em diálise custa cerca de R\$ 1.300 por mês e um transplante custa entre R\$ 2 mil e R\$ 10 mil.

De cada dez pacientes, seis ou sete poderiam ser transplantados, se já estivesse aprovada, regulamentada e em prática a lei autorizando o transplante de rins de cadáveres.

Em junho de 95 a tragédia repetiu-se, com números muito maiores: o maior acidente hospitalar já registrado no Brasil matou 52 pacientes de hemodiálise no Instituto de Doenças Renais, em Caruaru, Pernambuco. A água, contaminada com a toxina *Microcystina LR* envenenou 126 pacientes de um modo nunca registrado antes na literatura médica mundial.

Depois de 37 mortes sem providências, o secretário de Saúde de Caruaru foi para a Europa e ficou lá duas semanas, passeando. O governador do estado não foi a Caruaru. O ministro da Saúde declarou que já não adiantava ir a Caruaru. O presidente da República não foi a Caruaru por considerar a visita demagógica. Capital da folia e do forró no Nordeste, Caruaru varreu a tragédia para debaixo da saia das moças que no São João já estavam dançan-

do quadrilha. A cidade não decretou luto por causa daquilo, sendo que aquilo foi a morte de 52 pessoas.

Os donos da clínica estão soltos e a única memória viva é um cordel de Olegário Fernandes da Silva:

"Vi um parente chorando
com lágrimas molhando o chão.
Gente nascer aqui
é uma contradição,
onde não vale nada
a vida de um cristão."

A Vigilância Sanitária movimentou-se com a repercussão das mortes na imprensa. Autuou 14 das 15 clínicas de hemodiálise de Pernambuco, porque elas não analisavam a água usada no banho de diálise. Nenhuma foi fechada sob a alegação de que os pacientes não teriam para onde ir. Todas estão funcionando. A situação não mudou, um ano depois, e o poeta canta:

"Abateu Caruaru
essa doença renais
daquelas pobres pessoas
que faz a modialis.
Vamos pedi a Jesus
que agora não morra mais."

Só rezando mesmo, porque, passados a emoção e o escândalo, não se fala mais em fiscalização permanente, em segurança. Como diz o poeta popular:

"Nas mortes das modialis
todos eles pula de lado.
Dize que são inucenti,
no caso num tem pecado,
mas tem que ser punido
aqueles que for culpado."

LUIZ FERNANDO DOS SANTOS é produtor de vídeo e doente renal crônico.